



EM BUSCA DE DESCOLONIZAR: DESCONSTRUINDO A HISTÓRIA INVENTADA DA AMAZÔNIA PARA QUE SE CONTE OUTRA HISTÓRIA

Bárbara Maria Santana da Silva¹

Rozilda Ferreira da Silva²

Sonia Maria Gomes Sampaio³

RESUMO: O presente artigo descreve como foi tecida a história inventada da Amazônia, apontando os equívocos cometidos por quem aqui esteve ou ouviu falar algo de viajantes que por aqui passaram e decidiram repassar inverdades, informações distorcidas e preconceituosas a respeito da descoberta de um novo mundo – um lugar primitivo, de povos primitivos, selvagens que necessitavam da salvação: a colonização. A reflexão aqui proposta se apoia nos estudos pós-coloniais e decoloniais de autores como Edward Said, Frantz Fanon, Albert Memmi, Homi Bhabha e Aníbal Quijano, em diálogo com estudiosos que falam a partir da Amazônia, com Neide Gondim e João de Jesus Paes Loureiro, que analisam a tragédia colonial vivida por vários povos e avaliam como o poder e a ganância provocaram o etnocídio e o genocídio em massa. Por meio deste espera-se contribuir com a re-construção da verdadeira história da Amazônia, contando fatos ocorridos narrados pelas gentes dessas paragens que, durante séculos, foram emudecidas, silenciadas e encobertas, mas que hoje podem retomar seu lugar de fala, promover a descolonização e contar a verdadeira história.

Palavras-chave: Invenção da Amazônia; Pós-colonialismo; Descolonização; Narrativas de viagens.

***IN SEARCH OF DECOLONIZING:
DECONSTRUCTING THE INVENTED STORY OF THE AMAZON TO TELL THE REAL ONE***

ABSTRACT: This article describes how the invented story of the Amazon was woven, pointing the misconceptions that stemmed from those who have been here, or heard stories from travelers who have, and began spreading falsehoods and distorted, prejudicial information about the discovery of a new world – a primitive place of primitive people, savages in need of salvation through colonization. The article is supported by postcolonial and decolonial studies by authors such as Edward Said, Frantz Fanon, Albert Memmi, Homi Bhabha and Aníbal Quijano. To dialogue with these researchers, we also cite authors who speak from the Amazonian perspective: Neide Gondim, João de Jesus Paes Loureiro, all of whom analyze the colonial tragedy

¹ Mestranda em Estudos Literários, PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: barbarasantana@hotmail.com

² Mestranda em Estudos Literários PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: rosiferreira@outlook.com

³ Doutora em Educação Escolar PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: soniagomesampaio@gmail.com



experienced by various peoples and assess how power and greed led to ethnocide and mass genocide. We expect to contribute to the reconstruction of the real story of the Amazon, presenting facts narrated by the local residents who were muted, silenced and hidden for centuries, but today can regain their place of speech, promote decolonization and tell the true story.

Keywords: Invention of the Amazon; Postcolonialism; Decolonization; Travel narratives.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo narrar viagens é comum, sobretudo para aqueles que podem lucrar com isso. Essa tradição acontece desde que o mundo é mundo, ou seja, desde que se puderam ter notícias sobre esses relatos, seja oralmente ou pela escrita. Odisseia e Ilíada, de Homero, são as mais conhecidas obras que compõem o cânone ocidental em que são relatadas as aventuras dos grandes heróis da Grécia antiga, mas não as únicas. Há séculos se ouvem histórias sobre as grandes navegações, os grandes “descobrimientos”, de grandes heróis que navegaram rumo ao desconhecido, desejando encontrar algo que pudesse lhes conceder poder e prestígio.

Desde a antiguidade, os relatos de viagens descrevem o mundo mítico, as maravilhas, o fantástico, as monstruosidades e aquilo que parecia humanamente impossível, mas que, aos olhos do narrador, eram tão reais quanto as grandes embarcações que lhe possibilitavam descobrir o mundo misterioso. As narrativas apresentadas não poderiam fugir à tradicional forma de se contar uma grande descoberta: excessivamente maravilhosa e exageradamente peculiar. E aqui começam os questionamentos sobre a veracidade dessas histórias oficiais.

Tais questionamentos são frutos dos estudos pós-coloniais e decoloniais, que se debruçam minuciosamente sobre a colonização ocorrida em várias nações. A proposta desses estudos é repensar as formas pelas quais as histórias oficiais de nações inteiras foram contadas e oficializadas a partir de um modelo eurocêntrico. Nesse sentido, os estudos pós-coloniais e decoloniais estudos almejam a desconstrução da ideologia europeia como sendo centro da civilidade e cultura a que todo o mundo deveria se enquadrar/sujeitar e que perdura até hoje. Para tanto, contamos com estudiosos como Edward Said, Frantz Fanon, Albert Memmi, Homi Bhabha e Aníbal Quijano, dentre outros. Na Amazônia, temos Neide Gondim, João de Jesus Paes Loureiro e tantos outros escritores, que analisam a tragédia colonial vivida por múltiplos povos e avaliam como o poder e a ganância

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 114-128, 2021

provocaram o etnocídio e o genocídio em massa. O cerne maior dos estudos pós-coloniais e decoloniais é desconstruir para repensar, é elucidar as histórias, desmistificando a ideia eurocêntrica dominadora que inventou povos segundo suas próprias visões preconceituosas, deixando-os à margem, rotulando-os como inferiores, constituindo-os como a periferia do “centro” do mundo e da modernidade – a Europa.

Os escritores se baseiam nas questões espaço-temporal, social, política, filosófica, dentre outras, para examinar o sistema colonial reducionista que pré-julgou e oprimiu nações inteiras, segregando-as e tratando-as como se fossem objetos, sem pensamento, sem intelecto, sem alma, sujeitando-as a humilhações e à vergonha. Somente analisar não é o suficiente para esses estudiosos, cuja intenção é promover a descolonização do pensamento e da alma daquele que foi subjugado/dominado. Na verdade, é promover o mínimo de justiça àqueles que foram desconsiderados como seres humanos, submetidos à violência, barbárie, crueldade e selvageria de um continente que se autointitulou supremo, negou a individualidade de cada Ser, roubando-lhes o direito de contar sua própria História, oficializando a História Mundial inventada.

A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DE TERRITÓRIOS E SUAS GENTES

O crítico literário palestino Edward Said, em sua obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1990), faz apontamentos sobre a invenção da imagem distorcida do Oriente e do oriental a partir da visão do Ocidente: “O Oriente era quase uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis.” (SAID, 1990, p. 13). “Orientalismo” foi o termo escolhido pelo crítico para melhor explicar o modo como a Europa estigmatizou o Oriente, segundo sua visão colonizadora.

Said foi um dos preconizadores dos estudos pós-colonialistas e buscou analisar os efeitos catastróficos da colonização sobre a cultura, a sociedade e a política; como crítico-literário, analisou particularmente a literatura produzida pelos colonizadores. Sua crítica revela como o império britânico construiu um Oriente imaginado e propagou essa visão colonialista, silenciando povos, roubando sua alteridade e encobrendo suas culturas, enquadrando-as nos parâmetros eurocêntricos, cunhados como superiores. A crítica de Said vai além, pois, segundo ele, “[...] nada nesse Oriente é

meramente imaginativo. O Oriente é parte integrante da civilização e da cultura *materiais* da Europa” (SAID, 1990, p. 14). A história criada sobre o Oriente não faz parte de mero entretenimento, não parece ter intenção pura e inocente; ao contrário, parece ter sido racionalmente construída para melhor atender às necessidades europeias de se constituir nação soberana sobre todos os povos.

Como se não fosse suficiente imaginar o Oriente (dado que o colonizador nunca está satisfeito), os relatos de viagens também fizeram parte da invenção da América (Latina) e da(s) Amazônia(s). A história oficial do “descobrimento” de um Novo Mundo está ligada ao interesse da Europa em expandir o comércio com as Índias. Espanha e Portugal buscavam rotas comerciais alternativas para chegar ao Oriente, já que, àquela época os turcos tomaram Constantinopla, inviabilizando o comércio com o Ocidente. Cristóvão Colombo teve o apoio e o patrocínio da coroa espanhola para ir em busca de um novo caminho para chegar às Índias, porém sua cartografia o levou à América, em 1492.

Portugal também visava um trajeto alternativo marítimo para as Índias e investiu em Pedro Álvares Cabral, visto que este, por meio de suas cartas cartográficas, demonstrou alicerce crível de que seus cálculos matemáticos eram plausíveis e que, apesar da aparente distância do trajeto, a empreitada era possível. Isso posto, enfrentaram o mar, o oceano e o desconhecido, a fim de alcançarem seu objetivo e, conseqüentemente, obterem a exclusividade, o domínio e o poder sobre a nova rota que os levaria à supremacia comercial sobre as especiarias, as famosas sedas indianas e suas pedras preciosas.

Inadvertidamente, antes de chegar ao destino final, a esquadra de Cabral avistou terras desconhecidas que, certamente, não poderiam ser as Índias, haja vista que a viagem oficial programada levaria muito mais tempo até chegar ao destino esperado. O chefe da empreitada decidiu ficar nessas paragens para fazer o reconhecimento do lugar e a expedição continuou até o destino final, pois, naquele momento, o que mais importava era o comércio com a Índia, deixando-se o Brasil em segundo plano. Todavia, não demorou muito para que o comércio das especiarias entrasse em decadência; então, Portugal decidiu iniciar o processo de exploração e colonização no Brasil com mais furor.

A pujante e efervescente existência do povo europeu fazia com que esse povo, do alto de sua arrogância e egocentrismo, se autodominasse como aquele que salvaria os chamados “selvagens”

de seu modo de vida e de sua cultura e religião arcaicos. Flagrante é o comportamento do colonizador frente ao colonizado visto que, muitas vezes, não se entendem em virtude da diferença de língua. Assim, o colonizado fica à espreita, à espera, submetido ao medo, às ameaças e, apreensivo pela sua própria vida, aceita, sem escolha, seu destino catastrófico.

Embora não lhes tenha chegado nenhum documento oficial de qualquer pedido dessas gentes em busca de aprendizado, de conhecimento ou de qualquer tipo de sabedoria advinda do centro da modernidade mundial, as duas distintas nações se sentiram impulsionadas em mostrar aos nativos – primitivos – o que havia de melhor no mundo: o *modus vivendi* do europeu. Ainda que essa tenha sido eleita como a História oficial, a verdadeira História é a do estrangeiro, que deixa sua terra em busca de seus interesses. O comércio, que outrora lhe rendia riqueza e soberania, estava em derrocada. Assim, para que se mantivesse um império austero e brioso, novas medidas deveriam ser tomadas. A chegada dos colonizadores camuflava a fome por riquezas; a boa vontade dos forasteiros omitia a ganância e a falsa cordialidade fazia parte do ato de convencer os nativos sobre a idoneidade europeia. O enredo construído era uma farsa, pois a “visita” só aspirava a uma única coisa: roubar a riqueza daquele lugar.

Enrique Dussel, filósofo e crítico do pensamento eurocêntrico, relata como a Europa se destacou, subjugando a América, dando origem ao “Mito da Modernidade”. Em seu livro *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*, Dussel (1993) assim discorre sobre o avento da Modernidade:

Realmente um fato europeu, mas em relação dialética com o não-europeu como conteúdo último de tal fenômeno. A Modernidade aparece quando a Europa se afirma como “centro” de uma História Mundial que inaugura, e por isso a “periferia” é parte de sua própria definição (DUSSEL, 1993, p.7).

A América foi invadida e esfacelada pela Europa. Foi silenciada, violentada e encoberta pelos usos e costumes dos europeus, que justificavam suas ações como um sacrifício em prol da civilização, sendo ordenadas, inclusive, pelos céus. Espanha e Portugal queriam mostrar o *modus vivendi* e foram além, mostrando-lhe o *modus operandi* de um continente que se dizia superior, mas que foi incapaz de respeitar o Outro, cometendo atrocidades para alimentar seu “ego descobridor, conquistador e colonizador” (DUSSEL, 1993, p. 8).

Na referida obra, Dussel (1993) destaca como a filosofia hegeliana foi usada para descrever a América (Latina) e o seu povo, tendo em vista o posicionamento de Hegel quanto ao que seria “desenvolvimento” e o processo ontológico que envolvia tal evolução (Hegel e sua filosofia sempre tiveram grande relevância entre o cânone universal e o filósofo é considerado até hoje como um grande intelectual):

O mundo se divide em Novo Mundo e Velho Mundo. O nome Novo Mundo provém do fato de que a América... não foi conhecida até há pouco pelos europeus. Mas não se acredite que a distinção é puramente externa. Aqui a divisão é essencial. Este mundo é novo não só relativamente, mas também absolutamente; o é com respeito a todos seus caracteres próprios, físicos e políticos... O mar de ilhas, que se estende entre América do Sul e a Ásia, revela certa imaturidade no tocante também a sua origem... A Nova Holanda também não deixa de apresentar características de juventude geográfica pois se, partindo das possessões inglesas, penetrarmos em seu território, descobrimos enormes rios que ainda não abriram seu leito... Da América e de seu grau de civilização, especialmente no México e Peru, temos informação a respeito de seu desenvolvimento, mas como uma cultura inteiramente particular, que expira no momento em que o Espírito se aproxima dela... A inferioridade destes indivíduos é, em tudo, inteiramente evidente. (HEGEL, *apud* DUSSEL, 1993, p. 18-19).

A suposta inferioridade de todo ser nascido fora do eixo desenvolvimentista europeu foi uma das filosofias defendidas por Hegel, influenciadora na construção do pensamento de outros grandes escritores colonialistas. O que se enxerga é uma grande cadeia de falácias que foi sendo disseminada ao longo dos séculos, inserida na história mundial como indiscutível e totalmente verdadeira e que, finalmente, tem sido alvo de discussões e reconstruções.

A HISTÓRIA LITERÁRIA DETURPADA DA AMAZÔNIA

A Amazônia foi - e é até hoje - foco dos desvarios eurocêntricos “nesse incessante jogo imagístico de ouvir, ver, reproduzir, contar, reescrever”, como aponta Neide Gondim (2007, p. 40) em *A invenção da Amazônia*. As narrativas construídas pelos europeus são compostas por dualidades: paraíso e inferno foram bastante utilizados para descrever o desconhecido território. Ora ele era mágico e exuberante, ora insuportável e primitivo. De acordo com Gondim (2007) “apresentar, negando” é o artifício utilizado por alguns narradores para apresentar a flora da

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 114-128, 2021

Amazônia: “fala das Amazonas, da árvore que incha o rosto, dá dor de cabeça e até cega quem aproveitar sua sombra para dormir” (GONDIM, 2007, p. 79).

Ainda sobre as narrativas que descrevem a Amazônia, a autora comenta que:

Os pontos em comum das diversas cartas-relações que percorreram a Europa falavam do clima invariável, doce e primaveril, da umidade do ar, da enorme quantidade de insetos e répteis gigantescos, dos metais preciosos, da flora magnífica e da falta de animais de porte grande como os africanos, das Amazonas, das guerras, da existência de pelos no corpo dos nativos, da antropofagia, da frigidez/sensualidade, vigor e/ou debilidade do autóctone. São temáticas variadas, com pujança descritiva capaz de atender a todos os gostos. Eis aí as informações, novíssimas algumas, auxiliadas por descrições inéditas, outras forjadas ainda na tradição escolástica (GONDIM, 2007, p. 79-80).

A historiadora traz, ainda, a teoria do naturalista francês Buffon, que chegou à constatação de que o Novo e o Velho Mundo são, de fato, desiguais e que o clima era fator principal para tanta diferença entre a flora e a fauna do recém-descoberto território e as da Europa. Isso fazia com que a história inventada fosse de um mundo inferior, “fraco e débil”, imperfeito em sua existência, mesmo que exuberante. Apesar de exótico, de acordo com Buffon uma visita àquele lugar e alguns ajustes o fariam mais funcional, ou seja, a colonização faria bem àquela região e aos que ali estavam.

O que não é colocado em questão por um colonizador é o real conceito de “fazer bem”, aliás, “fazer bem” a quem? O colonizador por vezes é sutil e demonstra ser um típico herói, pronto a se sacrificar em benefício do outro. As mais diversas teorias sobre um Novo Mundo esquecido, infantil, inferior, necessitado de ajuda e proteção eram parte dos pensamentos daqueles que ouviam as narrativas e que acabavam se sentindo na obrigação de promover o desenvolvimento de um lugar tão hostil. E como alguém que promove desenvolvimento é geralmente alguém com grande benevolência, o viajante que deixa a pátria amada para se aventurar em terras desconhecidas é visto como um bom homem e infelizmente, como aponta Albert Memmi (2007), em seu livro *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*, isso reverbera até hoje. Nas palavras do autor,

A alguns às vezes ainda agrada representar o colonizador como um homem de grande estatura, bronzeado pelo sol, calçado com botinas, apoiado em uma pá – pois ele gosta de pôr mãos à obra, fixando seu olhar ao longe no horizonte de suas terras; entre duas ações contra a natureza, ele se devota aos homens, cuida dos doentes e

difunde a cultura, um nobre aventureiro, enfim, um pioneiro (MEMMI, 2007, p. 37).

Memmi (2007) é veemente quando chama o colonizador de usurpador:

Estrangeiro, chegado a um país pelos acasos da história, ele conseguiu não somente criar um espaço para si como também tomar o do habitante, outorgando-se espantosos privilégios em detrimento de quem de direito. E isso não em virtude das leis locais, que de certa forma legitimam a desigualdade pela tradição, mas alterando as regras aceitas, substituindo-as pelas suas... É um privilegiado e um privilegiado não legítimo, isto é, um usurpador (MEMMI, 2007, p. 42).

Não importa o século, nem a nação, não importam as diversidades culturais, não importa nem mesmo a humanidade que se supõe existir nos humanos; o colonizador não vê o Outro como um Ser. O colonizador enxerga o Outro como diferente-inferior e tenta, de todo modo, um meio, uma ocasião favorável de obter alguma vantagem, algum benefício, ainda que, para isso, seja preciso oprimir, subjugar, silenciar e matar.

Nas histórias contadas sobre a Amazônia, destaca-se a pouca ou nenhuma importância atribuída aos autóctones da região. A História oficial não trata os nativos como seres humanos, mas tão somente como um povo selvagem, preguiçoso, inculto e muito provavelmente não escolhido de Deus, que o levaria a ser caracterizado também como um povo demoníaco.

Ora, se uma sociedade vive em completa escuridão, faz-se necessário – ainda mais como nação escolhida de Deus – levá-los à luz. No poema *O fardo do homem branco*, Rudyard Kipling, grande defensor do colonialismo, que sempre glorificou a dominação britânica, aponta uma justificativa para que os Estados Unidos invadissem as Filipinas. Este é um exemplo do pensamento básico de um colonizador em seu mais alto grau de desumanidade, disfarçado de ato sacrificial: “as guerras selvagens pela paz”, tudo para que um povo “metade demônio, metade criança” pudesse ser libertado e chegasse à luz. Essa foi uma das justificativas usadas durante a colonização na Amazônia – e por todo o mundo – para a catequização e ensino de um novo idioma; porém, a verdade é que, se um povo é emudecido, não tem nem voz nem vez; desse modo, não há nada mais eficaz para um colonizador conseguir lucrar do que lidar com um colonizado mudo, oprimido e obediente.

O custo da colonização foi caro. Em se tratando do que ocorreu com os índios nas Amazônias, Dussel (1993) chama de conquista e a conceitua como:

Uma relação não mais estética ou quase-científica da pessoa-natureza, como no “descobrimento” de novos mundos. Agora a figura é prática, relação de pessoa-pessoa, política, militar; não de reconhecimento e inspeção de novos territórios, mas da dominação das pessoas, dos povos, dos “índios”. Não é mais a “theoria”, mas a “práxis” de dominação (DUSSEL, 1993, p. 42).

Para Aníbal Quijano (2005), as questões raciais definiam quem era conquistador e quem era conquistado; assim, as diferenças fenotípicas estavam diretamente ligadas à separação desses grupos. Quando os colonizadores chegaram às Amazônias, segundo o autor,

Encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduziam-se a uma única identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa (QUIJANO, 2005, p. 127).

Quijano (2005, p. 127) ainda comenta que:

Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade.

A literatura produzida sobre as Amazônias descreve o colonizador como um salvador e não como ele realmente o é. Isso porque quem narrou não foi um nativo e quando o foi não se deu ouvidos, já que “os indivíduos que pensam ou falam fora dos parâmetros do discurso dominante são definidos como loucos ou reduzidos ao emudecimento” (BONNICI, 2009, p. 224). A colonização não promoveu apenas a violência física, mas a violência contra as ideias, pensamentos, cultura e a literatura de várias etnias. E um povo sem identidade, silenciado, não tem como contar sua própria história – é quando ela passa a ser contada pelo colonizador. Para corroborar essa afirmação, citamos

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 114-128, 2021

o professor e tradutor Miguel Nenevé (2020) em *Que diferença faz um século? Duas obras de literatura de viagem sobre a Amazônia e um discurso*:

De imediato percebe-se que o que se tem escrito sobre a Amazônia ou o que se produz em vídeo, filmes, imagens etc., são discursos apropriados conforme os interesses e a visão do mundo circundante do autor do relato... O viajante já visita o Oriente ou a Amazônia com a consciente convicção que pertence a uma parte da terra com uma história de certa superioridade em relação ao não europeu ou ao “outro” (NENEVÉ, 2020, p. 119-120).

Durante muito tempo não houve uma literatura nacional na Ásia e na África e igualmente também não houve na Amazônia. A produção literária dos povos colonizados era proveniente de escritores com ideologias eurocêntricas, como bem descreve Thomas Bonnici (2009, p. 227): “a literatura nesses continentes seguia padrões eurocêntricos, já que foi escrita por viajantes, missionários, mulheres de administradores coloniais e soldados intimamente ligados à metrópole”.

Nenevé e Sampaio (2015), em *Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região*, constituem esse narrador como um “escritor colonizador”, que precisa perpetuar os estereótipos preconceituosos sobre a cultura amazônica e os rótulos que lhe foram dados. Essas produções literárias são envolventes e descrevem uma região exótica, narradas sob o olhar dos viajantes que a enxergam como um lugar maravilhoso, mas que descreve a cultura e os nativos da região de forma muito alheia à realidade: são indolentes, ociosos, brutos e culturalmente ruins e inferiores.

Cotinguiba e Alves (2019), no artigo *As narrativas da floresta e os padrões imperialistas de silenciamento cultural*, analisando a obra *O noroeste amazônico*, de Thomas Whiffen, tradução de Hélio Rocha, relatam como o autor era um fiel imperialista e descreveu a Amazônia como sendo um submundo, além de haver “trechos de seu livro em que estes povos são descritos pela ferocidade, crueldade e comportamento perverso” (COTINGUIBA; ALVES, 2019, p. 156).



DESCOLONIZAR PARA ESCREVER OUTRAS HISTÓRIAS

Neiza Teixeira (2015), em *Para um pensar outro, a poética do imaginário*, que compõe o livro *Cultura amazônica - uma poética do imaginário*, defende que qualquer um que desejar escrever sobre a Amazônia, em qualquer campo, se deparará com uma Amazônia construída por estrangeiros, constituída a partir da junção de várias ideias de diversos homens que lá estiveram. Conforme Loureiro (2015, p. 11), “é, portanto, de uma terra alegórica, no sentido de estar coberta de adereços e disfarces... Enfim de uma terra-simulacro que se fala”. É preciso entender que, para se estudar a Amazônia, é necessário se aprofundar e tentar escapar de tudo aquilo que já foi dito e estipulado como verdade. A História inventada da Amazônia faz parte do imaginário de quem por ela passou e emitiu sua opinião, pautada em devaneios eurocêntricos.

Como é possível conhecer completamente um território tão “vasto e misterioso”, conforme descreveram os viajantes que por ele passaram, e querer descrevê-lo com tanta autoridade no assunto? Como um estrangeiro categoriza um povo, uma ideologia, uma religião, segundo seus próprios conceitos? Os questionamentos maiores chegam a ser de como essa narrativa chegou tão longe e até hoje reflete no comportamento de quem é nascido nessas terras.

O modo de viver eurocêntrico caracterizou nações inteiras e, até pouco tempo, isso nunca foi questionado. O retrato da sociedade colonizada é o de quem aceitou o que foi imposto, destituiu-se de sua própria identidade e apenas se conformou. Que fique claro que o conformismo não vem por indolência, mas, em grande parte, por falta de informação. Às vezes o colonizado nem sabe que é colonizado. O martinicano Frantz Fanon, grande ativista na luta em descolonizar, assegura que “não basta apenas combater pela liberdade de seu povo. É preciso também, durante todo o tempo de duração do combate, reensinar a êsse povo e em primeiro lugar reensinar a si mesmo a dimensão do homem” (FANON, 1968, p. 253)

Até hoje se ouve que a América foi descoberta, que o Brasil foi descoberto, que Portugal nos civilizou e há quem prefira a cultura europeia, sem ter a consciência e o real conhecimento daquilo que aqui ocorreu; na verdade, o Brasil foi enganado, usurpado, encoberto e envergonhado e, para os colonizadores, os colonizados nunca farão parte integral da nobreza. Dessa forma, os

colonizados já não sabem mais quem são e estão com parte das suas identidades apagadas, como aponta Albert Memmi (2007).

Memmi (2007) defende a teoria de que o colonizado foi tão martirizado e reduzido a nada, que acabou acreditando que o seu valor era aquele creditado pelo seu colonizador. A violência psíquica é tamanha que o oprimido passa a aceitar como verdade sua posição de colonizado: “ele passa a existir somente em função das necessidades do colonizador” (MEMMI, 2007, p. 124). O colonizador tira-lhe a humanidade e, sem saída, o colonizado aceita isso como verdade.

A petulância do colonizador é tão grande que ele se vê apto a descrever essa terra de acordo com seu conhecimento “perfeito” e “elevado”, emitindo opiniões regadas a discriminação e abastada de julgamentos. José de Jesus Paes Loureiro, nascido na Amazônia brasileira, tem como mote principal na sua vida acadêmica pesquisar sobre a cultura amazônica. O referido autor não tem a menor pretensão em se dizer detentor de todo conhecimento e verdade sobre a Amazônia, tampouco tem esse assunto como esgotado; ao contrário, segundo Loureiro (2015, p. 33),

Nada está totalmente organizado em compêndios na cultura amazônica. É preciso errar pelos rios, tatear no escuro das noites da floresta, procurar os vestígios e os sinais perdidos pela várzea... Flanar pela cultura amazônica, deter-se aqui e ali, recorrer ao passado, reenviar-se ao presente... Em suma, caminhar sem a obrigação imediata de um fim.

Para Nenevé e Sampaio (2015), é primordial que haja informação. É necessário que a história inventada seja desmascarada e que se re-conte a história ocultada. É preciso re-imaginar a Amazônia e reconstituí-la de sua própria identidade. É preciso resgatar a alteridade amazônica e isso só será possível se ela for reescrita por quem é da região. É preciso ouvir quem está no lugar de fala. De acordo com esses autores, “precisamos ouvir as vozes locais, prestar atenção nas pesquisas que são feitas por estudiosos da região, dialogando com a grande diversidade de perspectivas dos mesmos” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015, p. 29). Descortinar a voz de alguém é dar-lhe importância, relevância. Alguém desacreditado só vai se libertar de suas amarras quando se enxergar como um Ser, com alma, com identidade! Nessa perspectiva, uma das melhores formas de resgatar e descolonizar mentes (e nações) é com a educação, a pesquisa e o respeito para ouvir quem um dia foi silenciado.



É preciso, portanto, descolonizar, repensar tudo aquilo que já fora dito sobre a Amazônia. Isso acontece por meio do diálogo e dos estudos pós-coloniais e decoloniais. É o que afirmam Nogueira e Sampaio (2020) em *Olhares literários sobre as Amazônias: pós-colonialismo/decolonialismo, identidades e memórias no mar de águas doces*:

As novas abordagens e novos domínios teóricos desencadeados pelo Pós Colonialismo e pelo Decolonialismo têm causado impacto positivo por essas bandas de mar de água doce. Uma pluralidade de diálogo vem sendo estabelecida e tem feito muita pupila colonizadora dilatar (NOGUEIRA; SAMPAIO, 2020, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pleno século XXI, o processo de colonização ainda acontece, mesmo que disfarçadamente. Talvez não haja mais a escravidão exposta de índios, talvez não seja mais obrigatório aceitar uma religião diferente da sua, nem mesmo ser obrigado a falar uma língua diferente. Os castigos e as cabeças decepadas podem não ser mais uma prática comum, mas há o colonialismo adaptado e atualizado – e, talvez, o conhecimento sobre isso ainda seja raso e pouco difundido. A prática colonizadora deu lugar a um discurso mais polido, intelectualmente influenciado pelo eurocentrismo. Infelizmente, a colonização das Amazônias se assemelha a uma bruma espessa, originária do colonizador, que foi envolvendo lentamente o colonizado, sem que ele percebesse sua própria ruína. A descolonização é o único meio de deixar as histórias únicas de lado e ceder lugar a outras narrativas.

Os estudos pós-coloniais e decoloniais propiciam a análise dos estragos que a colonização deixou como herança ao redor do mundo, principalmente na Amazônia. Esses estudos perpassam pela práxis da dominação física, mas também da colonização e da alienação das mentes dos povos autóctones dessa região. Este artigo coloca em questão como a Amazônia foi inventada a partir das narrativas dos viajantes, que impregnaram seus discursos com fantasia e muito folclore, deixando de fora qualquer relato dos próprios nativos.

Muitas vezes as narrativas foram escritas por pessoas que sequer estiveram aqui, mas que, de tanto ouvir falar, decidiram emitir opiniões, sem mesmo ter estabelecido qualquer contato com a

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 4, p. 114-128, 2021



sociedade sobre a qual escreveram. Necessário é que se entenda que o que foi escrito foi inventado por pessoas inescrupulosas que, ao invés de salvadores da pátria, deveriam ser chamados de usurpadores e sanguinários. Nossa proposta é des-inventar a História construída da Amazônia, que por tanto tempo vem nos encobrindo, e contribuir para que os povos possam contar muitas outras Histórias que ficaram nas dobras do tempo.

REFERÊNCIAS

- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.
- COTINGUIBA, Geraldo; ALVES, Analton. As narrativas da floresta e os padrões imperialistas de silenciamento cultural. **Igarapé**. Porto Velho-RO, v. 12, n. 4, p. 146-164, 2019.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro. A origem do “mito da modernidade”**. São Paulo, Vozes, 1993.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica – uma poética do imaginário**. Manaus, Valer, 2015.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- NENEVÉ, Miguel. SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. *In*: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues *et al.* (Orgs.). **Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização**. Rio Branco: Nepan, 2015.
- NENEVÉ, Miguel. Que diferença faz um século? Duas obras de literatura de viagem sobre a Amazônia e um discurso. *In*: FERNANDES, Maria Luiza; CARVALHO, Fábio Almeida de; CAMPOS, Sheila Praxedes Pereira (Orgs.). **Sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia**. Boa Vista: UFRR, 2020.
- NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Olhares literários sobre as Amazônias: pós-colonialismo/decolonialismo, identidades e memórias no mar de águas doces. *In*: CAPAVERDE, Tatiana da Silva; AMARO, Luiz Eduardo Rodrigues; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno (Orgs.). **Perspectivas literárias pós-coloniais**. Boa Vista: UFRR, 2020.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Eduardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.



SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

TEIXEIRA, Neiza. Para um pensar outro - a poética do imaginário. *In*: LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica** – uma poética do imaginário. Manaus: Valer, 2015.